

PLAGIOTROPIA BECKETT

Marcos da Rocha Oliveira¹
marqosoliveira@gmail.com

[O plano de dois LIVROS, que podem ser encartados num único e grosso volume, mas sem prejuízo. Funcionam melhor separados e, se possível, sendo lidos com ambos abertos, em ordem crescente, ante o leitor. Mas isso para outro texto. O LIVRO I é de Joaquim Arievaldo, O Pior Tradutor de Samuel Beckett; o LIVRO II está escrito – mas só pode ser dito após o LIVRO I. Isso, pois ele está no LIVRO I. Aqui, o primeiro capítulo. Se fosse um. Está tudo pela hora da morte é a Frase 1, ou seja, aquela que está no primeiro verso atado por Joaquim em seu mecanismo. Trata-se da ponta do fio que se encontra próximo à cadeira. A cadeira estava no LIVRO II. O LIVRO II ainda não. Joaquim possui finos e longos dedos e um chapéu. Um tanto errados e deselegantes, garras de grifos e crista – diz. E corta. Sabe-se que esse projeto é a atenção a um edital específico e geral. O nome fantasia, PLAGIOTROPIA BECKETT, vende. Não sei se as relações se sustentam. Ele sustenta que traduz Beckett, mas sem sucesso. E isso o sustenta, com a verba do edital. Sem sucesso, mas foi carimbado.]

Está tudo pela hora da morte. É isso. Uma noite inteira de trabalho com dois originais, um francês outro inglês – mas, como é possível, dois originais não fazem diferença. Está tudo pela hora da morte. Ele disse que essa frase foi a tradução de toda noite. O risco de traduzir salta da cadeira em ato com a cara amassada, é encontrar o

E se cala alto e torto e começa a revirar uma série de livros abertos com pequenos papéis, os versos, rabiscados para poupar as lixeiras. Os versos estão todos lá. Difícil é encontrá-los. Pro inferno. Um clique liga sua máquina de escrever silenciosa – nos versos só escreve com certas canetas, nunca imprime, tudo financiado pela. Não há como escapar das frases decisivas. E se você fosse Juremir Machado? Isso lá é coisa que se poste, preferível dizer coisas tais como escovei os dentes com Heineken. Faz espuma e deixa brilhando. Estou com diarreia. Qualquer coisa antes de lavar a cara na torneira e verificar que a coisa anda feia. Pro diabo com babacas. E seus tais. Algumas colunas só servem para os intestinos. Tão ruins que mandamos pro pequeno universo da privada.

Recebi a última parcela não faz muito. Deve estar na conta, não sou apressado. Ainda restam alguns suprimentos. E parei com isso. Está tudo pela hora da morte. Como justificar a verba com essa frase.

Pras favas. Três semanas e quatro dias. Tenho que dizer alguma coisa. Existem certos prazos. A coisa não é fácil. Mas eles não entendem. Privadas. Só o que restam. E não me venha mais com meu querido diário. *Oquei*, certo, mas ele só é querido por você. E por você, olha, não é bem assim, mas só sei dizer assim por você, é pouco.

Cara, é para parques, não sempre porcos, quase poucos; não resta muito o que dizer. Traduzi o que outros diziam ser bocados e sobras por está tudo pela hora da morte. *Oquei*. Entrego. Pode dizer que não diz respeito à mesma coisa. Mas isso de mesma coisa soa cansado e lerdo como um hipertenso na construção civil. E pedras predam também. Bocados e sobras já foram em outros tempos, sob osso sob, na medula da frase – você já usou isso, não me resta resto. Prefiro minha resolução. Certo. Nem em um original, nem em outro. Mas alguém que possua mais de um original e ambos iguais sendo diferentes sem pin tirar nem por? Balela. Apresentei o projeto, os caras burocratas literatos de camisas coloridas aplaudiram, com carimbos acho, e cá estou. Pá. Aprovado. Bem grande. Grande projeto de jovem promessa. Pras favas! Escrevi até hoje meia dúzia de poemas, algumas considerações duvidosas. Ralo. De letras. Mas mantenho a cena, não me perturbo com isso. O que escurece os olhos – rubro-sombrios, disse-me – são certas promessas. *Oquei* chefe, nada a declarar, eu escrevo, só isso. E fique com suas. E não durmo há três semanas e quase quatro dias.

Ou quase isso.

É um caso de melhorias. Reparos, de rambles; rebusco. Estou não só a traduzir com o dicionário nas axilas. Não. Isso ajuda, até porque ele não sabe bem, eu diria o bem é ele não saber, nenhum dos dois idiomas. O projeto inclui certas viagens. Ele esteve por lá. Deve haver provas. Um bocado foi provado. Certo. Ele não está só a traduzir com o dicionário nas axilas. Isso é para poucos. Ele é muitos, saca. Não partilhará de sobras. Ele resta, você sabe, por isso ganhou a verba. Os versos prestam às contas, provam os gastos. Versos de folhas, gastos. Vejo isso pela solução. Ora, está tudo pela hora da morte não é uma boa solução. Nunca se tratou de solucionar. Eu melhora o pior. Ou melhor, pioro melhor. Há de falhar o processo todo. Vai trancar. Diga que sou pago para escrever. É isso que faço. Prestar, não presta; por certo não serve e não vai dar certo. Está no projeto, digo. E cito. Quase três anos para isso. Está tudo nas suas paredes. Isso provaria. Que ele pesquisou, sei lá, mas colocar-se assim foi um fim; três semanas e quatro dias e de duas obras, de dois textos que dizem ser um só ele fez uma frase. Agora falta pouco. Não. Muito é falta. Cito. E de cabeça, digo de cabeça por comodidade, ele toca as duas páginas e sua solução para elas. Cabeça esticando e com a nuca para as folhas, fala. E dá sua solução. Está tudo pela hora da morte. Sorriso na boca do só, brás! Um santo, de osso sem carne. Não

sei o que dizer. Ele aponta a cadeira. Sei de onde tirou. Há uma foto recortada de um texto que entreguei para ele ler. Na minha frente, abriu exatamente na página onde James com cara e tom de Zé está largado nela. Recortou com as pontas dos dedos. Preciso de uma cadeira. Ela é a única do aposento, eu prefiro chamar aposento, distinto, que não recebe folhas ou livros ou versos de folhas ou livros.

Há o edital. Cá o projeto. E não há nada. Há, ora, decisão de não solução. Mas não diz nada. Não é preciso maiores esclarecimentos. Foi aprovado, vocês sabem, ele preenchia e superava os requisitos. Mas a coisa toda pode falhar, não é por nada. O sistema é, falho. Salivo. Desculpem-me senhores, o sistema é falho. Ele poderia falar sobre o processo, então. Fortuna crítica, estas coisas que enchem folhas, fazem volume, justificam as horas, o investimento. Essa verba poderia ter sido melhor aproveitada. Senhores, isto está fora de questão. Ainda restam três semanas e quatro dias. Chamo isso de momento de iluminação. Por ironia. Depois de cerca de trinta e sete horas de estudo, três palavras. Ou ao cabo de cinco meses, dois parágrafos. Como que fácil. Rápido e certo. Mas trinta e sete dias ou tantos meses e a coisa, quase a mesma. Por isso digo de iluminação. Coisa dos diabos. Ele me diz por um bilhete na porta. Talvez, agora, ele esteja a toda!

Calo. De ler. De início a coisa toda estava indo. Agora já sei. Ele escrevia abundantemente, isso, boa palavra, ele diria isso se estivesse, pois a cadeira estava funda. Couro e taxas, marrom. Mas ele começava a melhorar. Troca verbos. Tira isso e aquilo. Não é bem assim. Sai.

Você não entende mesmo. Mas isso não complica. *Work in regress, capiche?* Eis minha regra. Errar? Falo. E risco errado. *fallo* com meus l's. São dela, não me venha com. Nada, *fallo* e em um dos l's um risco errado. E *falho*. Vê, não há como, então retorno e isso muda tudo. Pois o risco e se o tiro daqui o alvo fuga. Não há como, como, *oquei?* Isso não leva a lugar nenhum. Ter nada não é pouca coisa.

Ele não está a toda; eu não estou a toda. Atado; pelas linhas que ligam os versos. Um mecanismo eficiente para seguir vindo. Mas você sabe que jamais desenrolará isso. Isso não diz respeito, para mim. *Oquei*, mas não me venha com o papo sobre a solução. Isso só para encher cem versos depois – sem versos, velho, sem versos! Em algum lugar. Não adianta seguir o fio cara, dá um tempo, todos dormiram algumas horas. De escritores caolhos àqueles que passaram duas décadas lendo na cama antes de morrer. Por escolha. *Oquei*. Sem solução. Mas mecanismos não funcionam bem com você. Onde está o *note* de trabalho? Perto da cadeira. Os pés estão um tanto tortos. Não fode! Me dou bem com mecanismos, não está bamba. Não caio nessa, não vou olhar. *Oquei*. Está aqui em algum lugar. Certo. Sempre há tempo. Depois lemos. Não. Não funciona. Divido com você se me ajudar com o

plano. Sei. Estou aqui não é. Tem mais lá, enchi até a boca. Pra não perder tempo, aquilo que li de início é para colocar antes mesmo. Não me preocupo com isso. Vai rolar. Isso também está em algum lugar. Você solucionou uma coisa aí. Algo aqui. Não. Antes de cada início é dado um ar. Velho, não fode. Está escrito cara, nas estrelas de segunda magnitude. Isso é Ulisses, babaca. Por isso as linhas. Perco. Vá se danar. Era a última. Começo de novo.

Ele está morto meu velho; por coisas dessas, citações de cabeça. O homem é cotovelo e axilas e bolinhas de tornozelo. Ele disse isso sobre sua aluna, branquelamarela. Travalábios. Viu, é disso que falo. O cara morreu hoje. Mas faz tempo. Um mais nove mais quatro mais um. Não sei se é um número bom. Apruma, arrolho. Ele morreu hoje você está entendendo? Olha no canto perto da porta, atrás do sofá, mais alto, próximo ao teto. Quente. Aí. O que há? Está tudo pela hora da morte. *Oquei*. Isso tá espichado nesse enrolado. Ele morreu hoje, saca? Você é um babaca fodido. Isso não diz nada. *Scopia*. Certo, alvo. As cópias eram pra ajudar, velho, tens de saber das coisas. Os versos não salvam. Mas os *doc's* sim. Não quando tacam. Você leu o que não era o verso das cópias? Sim, já disse que escrevi os versos. Está tudo aqui; desenrolar o fio ou meter-se com ele. Mas é um risco você sabe. E está tudo coberto; posso chamar isso tudo de... em letras altas e numa tipografia simples. Vi um livro dele por aqui que era assim. Que você quer mais? Tá tudo um enroscado. Isso. Labirintotexto. A solução melhor seria textolabirinto. Lábil. Lábio. Derrisória solução. Causa distinção e efeito. Um texto divino, no sentido positivo. Enfia isso, velho! Estás citando, e de cabeça. Estou lendo o verso virado no canto esquerdo pelo fio e pregado exatamente sobre seu ombro direito. Cara você está emoldurado pela porta. Isso não é efeito, e feito, é cena real. Consigo ver quando leio, não é difícil quando estou na sua frente, não coincide aí. Não se trata de prestar. Isso conta. Trazê-los aqui seria um modo de causar um efeito de pesquisa real. Eles estão aqui. No chão, próximo à entrada do banheiro. Cara, se eu arredar uma coisinha aqui essa coisa toda se vai, o fio arreventa, as folhas se movem e quero ver tu achares os versos de cabeça. As coordenadas estão dadas. Elas se repetem facilmente. Sim, por que passas o dia a procurar, dessa cadeira, logo, sei, sabes bem onde estão. Aqui. Os versos caminham pra lá e pra cá, eles se encontram. Mas se virares a cabeça para a esquerda, não importa qual, importa?, vais ver. Não fode. Isso não diz nada. Só podem ser as linhas e a escovação. As linhas de fio fino amarram tudo, não é? Se eu os trouxer aqui, é o fim. Pode ser. Mas não estou lá. Sem essa, sem saída, não escapa. E não pergunta qual, minha ou tua esquerda. Se eu digo é porque está escrito. E labirintotexto não soluciona, doutor. Isso é sintomático, só rindo mesmo. E quem dirá que tudo se passa em uma noite? Milumapáginas, soltas, que depois editam de qualquer maneira. De forma simples, com uma capa preta e letras cinzas salientes ou brancas. Uma noite de escrever. Falar sobre isso é necessário.

Escrever é necessário. Vamos dividir isso. Colocar apresentações suas, sentado na patente do *apê* ou nessa cadeira mesmo. Mostrar isso tudo. Coisa de quem já não promete, saca. Isso enrolando a frase. Não me diz respeito. Já disse. Lê outra vez em voz alta então ou escreve num verso que:

¹ Pedagogo, Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Brasil). Professor com experiência no ensino básico e superior, integra os grupos de pesquisa *DIF – artistagens, fabulações, variações* (UFRGS) e *T3XTO* (Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Brasil), além dos Observatórios da Educação da UFRGS e da Universidade de Caxias do Sul (UCS, Brasil) – ambos financiados pela CAPES/INEP. Suas produções caracterizam-se pelo cruzamento de temas educacionais com a literatura e a filosofia, e pela busca de novos modos de expressão na pesquisa contemporânea. Neste sentido destacam-se sua pesquisa de Mestrado em Educação “Biografemática do *homo quotidianus*: O Senhor Educador”; o verbete “Inclusão Escolar”, no livro “Abecedário: educação da diferença” e sua colaboração ao “Dicionário das Idéias Feitas em Educação”, ambas publicações organizadas por Julio Groppa Aquino (Universidade de São Paulo – USP, Brasil) e Sandra Mara Corazza (UFRGS) ; e, ainda, o capítulo “Notas de leitura para um pesteseller pedagógico”, publicado no livro “Fantasias de escritura: filosofia, educação, literatura”, organizado por Sandra Mara Corazza. Sua tese de Doutorado em Educação, em andamento, intitula-se “Método de dramatização: o que é a pedagogia?”, onde, com a obra de Gilles Deleuze e autores da literatura brasileira (nitidamente Haroldo de Campos, Paulo Leminski, Sousândrade, Osman Lins) reinventa as noções de currículo e didática, mostrando a pedagogia como uma atividade de criação.